

## ESTRATÉGIAS DE POVOAMENTO NO COMPLEXO DOS VIDAIS (MARVÃO, PORTUGAL): OS ESPAÇOS HABITACIONAIS NEOLÍTICOS

Leonor Rocha<sup>1</sup>

### Resumo:

No âmbito do Projeto "Arqueologia Rural do Sever II", coordenado por J. Oliveira, L. Rocha, A. Carneiro e N. Almeida, realizaram-se nos anos de 2014 e 2015, trabalhos de escavação na anta e povoado da Tapada do Castelo, da responsabilidade da signatária.

Apresenta-se aqui os resultados obtidos com as sondagens realizadas na área do povoado pré-histórico, localizado no Complexo dos Vidais.

**Palavras-chave:** Povoamento pré-histórico; Tapada do Castelo; Marvão, Portugal.

### Abstract:

In the context of the project "Rural Archeology of Sever II", coordinated by J. Oliveira, L. Rocha, A. Carneiro and N. Almeida, excavation work was carried out in 2014 and 2015 in the dolmen and settlement of Tapada do Castelo, responsibility of the signatory.

We present here the results obtained with the surveys carried out in the area of the prehistoric settlement, located in Vidais Complex.

**Key words:** Prehistoric settlements; Tapada do Castelo; Marvão, Portugal.

---

<sup>1</sup> Universidade de Évora/ECS; Centro de Estudos de Arqueologia Artes e Ciências do Património (CEAACP), lrocha@uevora.pt

## 1. Contextualização geoarqueológica da área

A área dos Vidais apresenta um denso conjunto de vestígios arqueológicos, cronologicamente enquadráveis entre o Paleolítico e a Época Medieval/Moderna, com a presença de abrigos, pequenos habitats, um povoado fortificado, alguns monumentos megalíticos funerários e arte rupestre ao ar livre que atestam uma continuidade na utilização deste espaço durante um longo período de tempo (fig. 1).

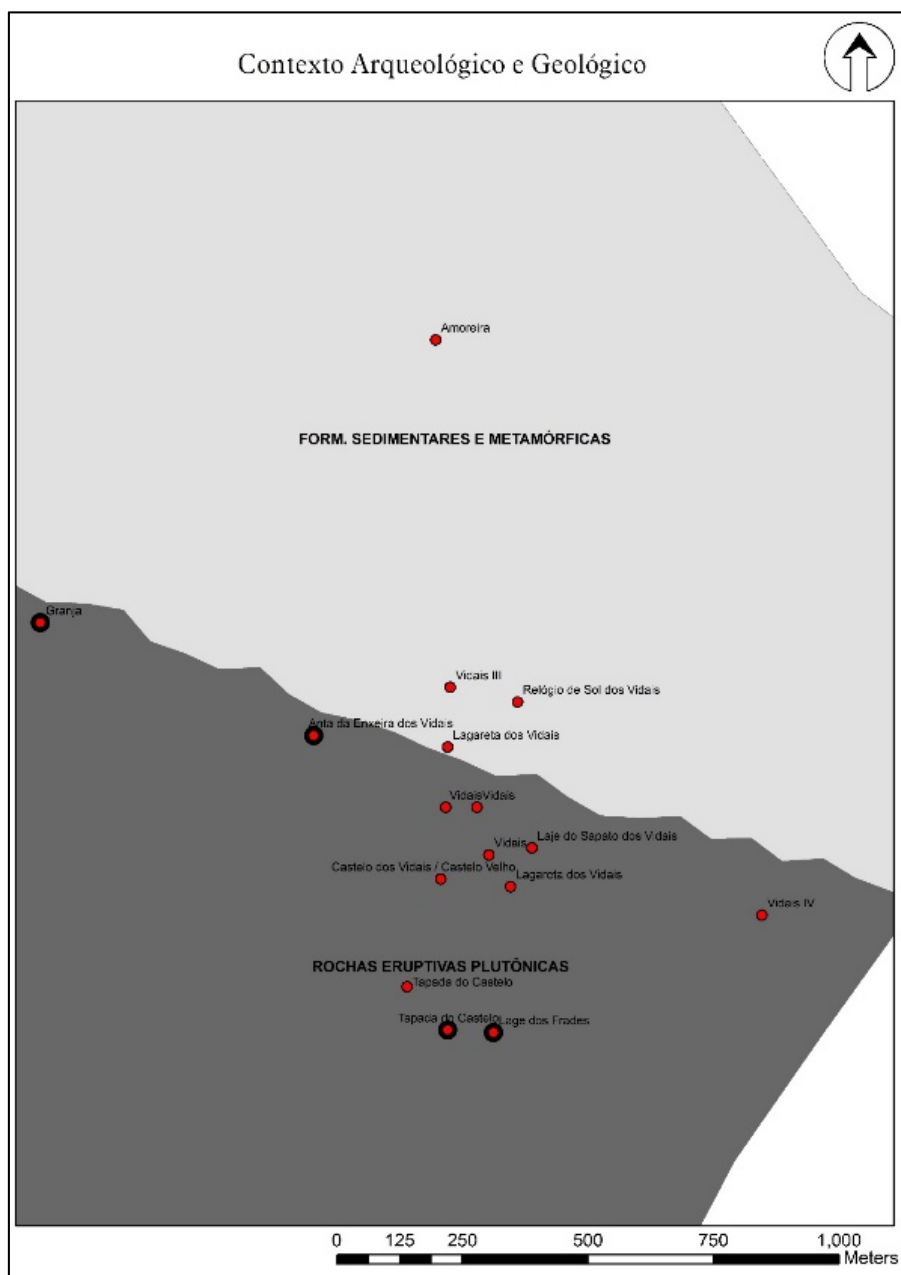


Figura 1 – Localização dos sítios arqueológicos associados ao Complexo dos Vidais, sobre geologia

Do ponto de vista geológico, trata-se de uma área de transição entre duas grandes formações, as formações sedimentares e metamórficas representadas por xistos e grauvaques e as formações das rochas eruptivas vulcânicas, com os granitos e rochas afins, o que condiciona a paisagem, que se apresenta do lado Sul com grandes afloramentos graníticos e, a Norte, com uma área mais aberta, devido à presença das formações sedimentares. Esta geologia condicionou não só o tipo de solos presentes mas também, naturalmente, a implantação dos diversos sítios arqueológicos, como se percebe pela leitura da figura 1. Em termos hidrológicos, este conjunto arqueológico encontra-se nas imediações do Rio Sever (margem esquerda), que apresenta aqui uma intensa rede hidrográfica com pequenas linhas de água, favorável à agricultura, pastorícia e povoamento humano.

## **2. Caracterização e localização do sítio**

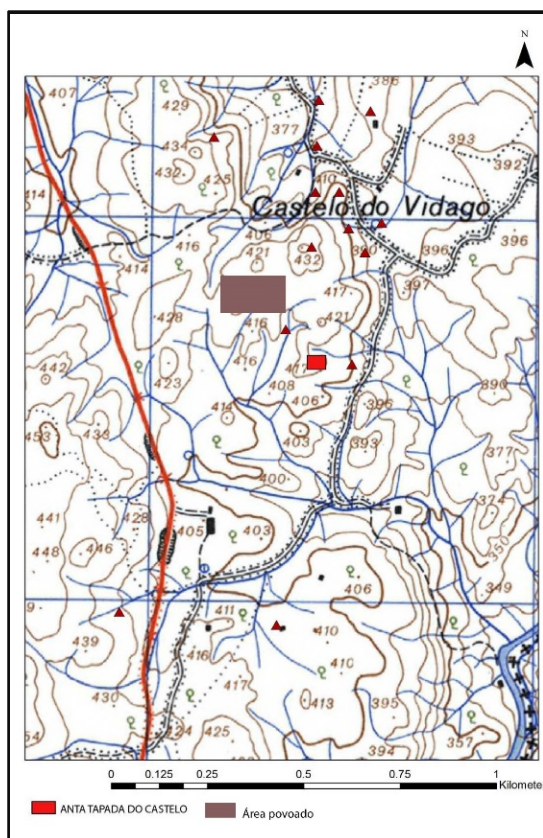
Na área adjacente à Anta da Tapada do Castelo, a cerca de 150/200m, para N/NW, encontra-se uma plataforma aplanada, rodeada por grandes afloramentos dos lados Norte, Este e Sul, junto à qual se localiza o povoado proto-histórico dos Vidais, registado na base de dados Endovélico, com o Código Nacional de Sítio (CNS) 246/249.

Em termos geomorfológicos o sítio localiza-se numa plataforma delimitada por uma linha de grandes afloramentos graníticos, com uma orientação Norte-Sul.

Conhecido localmente como o Castelo, este povoado fortificado foi identificado nos anos 50 do séc. XX, por Afonso do Paço (Paço, 1953). Trabalhos posteriores permitiram identificar outros núcleos de povoamento nesta área (CNS 28142/ 29948/ 30294 e 30295), genericamente enquadrados entre o Neolítico antigo/médio (abrigos) e a Idade do Ferro (Oliveira, 1997; Oliveira, Pereira e Parreira, 2007). O povoado da Tapada do Castelo, agora intervencionado, pode abranger o CNS30378 - Tapada do Castelo, classificado como Achados

Isolados do Neocalcolítico. De facto, os materiais identificados à superfície iniciam-se sensivelmente a partir deste local, mas prolongam-se por toda a plataforma referenciada.

Administrativamente, a Tapada do Castelo situa-se no extremo Este da freguesia de Santo António das Areias, concelho de Marvão, a cerca de 1km da fronteira com Espanha, delimitada nesta área pelo rio Sever.



### **Povoado da Tapada do Castelo**

C.M.P. 1: 25 000, Fl. 336.

Coordenadas (ponto central):

M: 270597, 17 / P: 276041

Altitude: 420m

Figura 2. Localização do povoado (retângulo castanho) e anta da Tapada do Castelo (retângulo vermelho)

No decurso da 1ª campanha de escavações realizadas na Anta da Tapada do Castelo, em 2014, foram identificados, numa plataforma adjacente, alguns fragmentos de cerâmica manual, um machado de pedra polida, seixos talhados e uma grande mó manual. Dada a proximidade aos vários núcleos já registados no complexo dos Vidais e o facto de esta área se encontrar a uma cota inferior, podendo por isso os materiais identificados resultarem apenas de escorrimentos, não obstante as diferenças cronológicas, considerou-se relevante realizar

sondagens de diagnóstico, para tentarmos compreender esta realidade.

### 3. A intervenção arqueológica

No ano de 2015, enquanto decorriam os últimos trabalhos arqueológicos na anta da Tapada do Castelo, realizaram-se um conjunto de três sondagens na área do povoado, com o intuito de caracterizar o sítio em termos funcionais e cronológicos. De realçar que, à superfície se tinham identificado, nesta área, fragmentos de cerâmica manual, lascas de quartzo e quartzito, percutores e um grande dormente. Estes trabalhos, realizados no âmbito do PIPA “Arqueologia Rural do Sever II”, contaram com o apoio logístico e financeiro da Câmara Municipal de Marvão<sup>2</sup> e técnico-científico da Universidade de Évora, através do Laboratório de Arqueologia Pinho Monteiro. Colaboraram também alunos de Arqueologia da Universidade de Évora<sup>3</sup>.

Como se referiu anteriormente, os vestígios atribuíveis ao neocalcolítico, foram identificados numa plataforma aplanada, com terrenos arenosos e alguns afloramentos dispersos. Atualmente esta área tem uma ocupação exclusivamente pastoril. Assim, face às evidências superficiais optou-se por se demarcarem três sondagens, dispersas na plataforma para verificar o potencial arqueológico (Fig. 3).

---

<sup>2</sup> Não podemos deixar de agradecer também à Santa Casa da Misericórdia de Santo António das Areias, a simpatia com que acolheu a equipa e aos proprietários a autorização para a realização dos trabalhos arqueológicos.

<sup>3</sup> Daniela Anselmo, Rute Jesus, Albertina Comendinhas, Ruben Barbosa, Alexandra Anselmo, Joaquim Maçãs, Arlindo Garnacha, Carlos Santos, João Rocha e Tiago Calado.

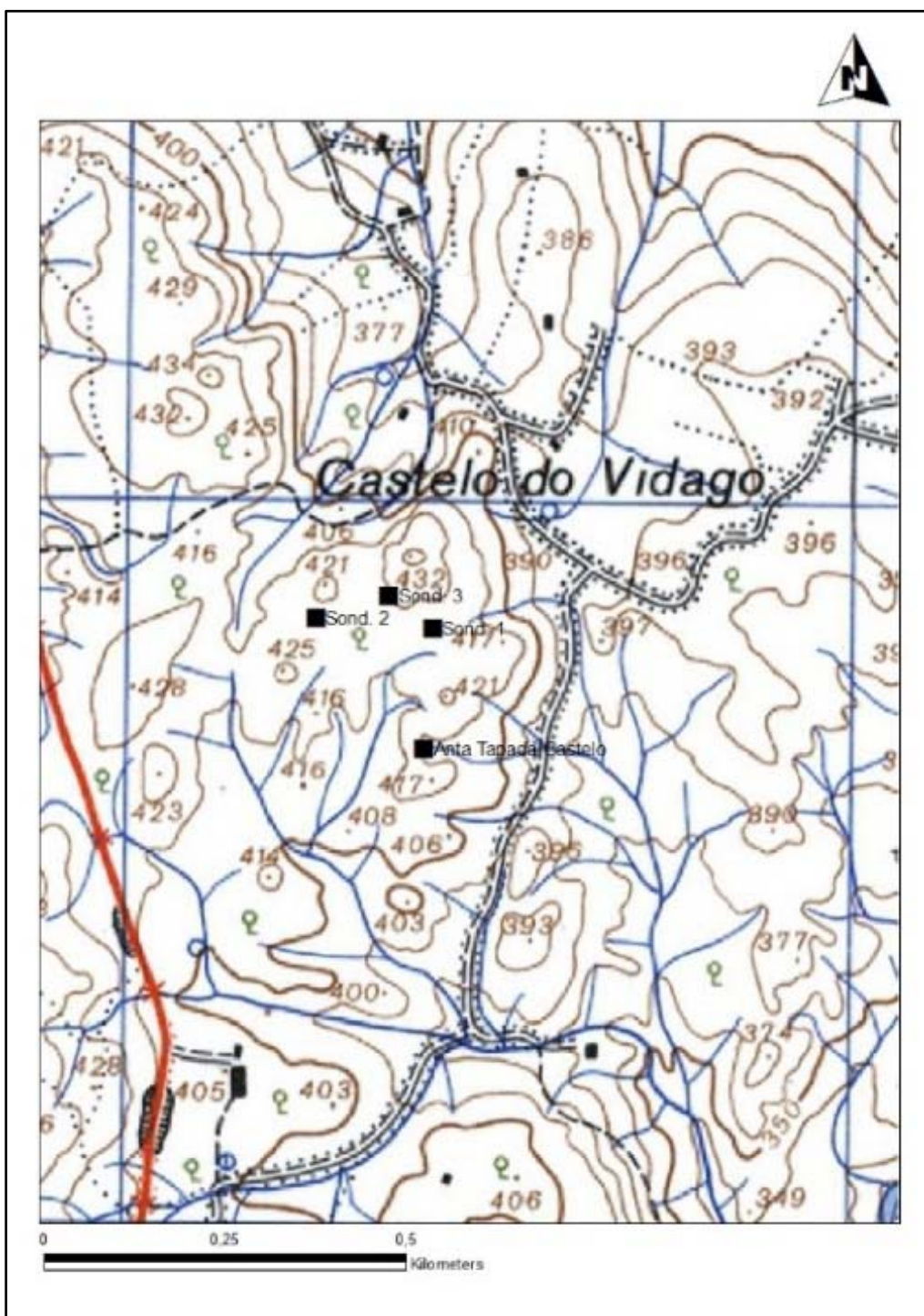


Figura 3. Implantação das sondagens

De uma forma geral pretendia-se:

- 1) Confirmar a existência de um povoado contemporâneo dos monumentos megalíticos funerários;
- 2) Tentar obter alguma informação científica do sítio;



### 3.1. ESTRATÉGIA E METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

Os critérios definidos para os trabalhos de escavação consistiram, sempre que possível, na observação das técnicas de registo e leitura estratigráfica propostos por Barker (BARKER, 1993) e Harris (HARRIS, 1989). As unidades estratigráficas identificadas durante os trabalhos foram numeradas sequencialmente, em ordem ascendente a partir do 0 e sequencial para as três sondagens atendendo a que as camadas não arqueológicas eram iguais.

Cada unidade estratigráfica foi descrita de acordo com as estruturas identificadas, as características do solo e a presença de materiais arqueológicos associados. Foram todas cotadas, desenhadas e fotografadas. As terras resultantes da escavação foram integralmente crivadas. Apenas se realizou um corte da estrutura identificada na sondagem 1. As restantes áreas não apresentavam potência estratigráfica que o justificasse.

### 3.2. Descrição dos trabalhos realizados

#### **Sondagem 1**

Sondagem inicialmente com 3m de comprimento por 1,5m de largura; posteriormente foi alargada em mais 1mx1,5m, para poder abranger a estrutura identificada. Total final: 6 m<sup>2</sup>

A escavação da unidade [0] permitiu desde logo perceber que o afloramento granítico se apresentava muito irregular, aparecendo em algumas áreas quase à superfície. No canto N, quase no topo, foram identificadas duas pedras de média dimensão, sem aparente relação entre si. No canto SW da sondagem, recolheram-se fragmentos de cerâmica de roda.

Na metade Norte foi identificada a unidade [2]; trata-se de uma estrutura arredondada (de que provavelmente as duas pedras superficiais faziam parte), escavada no aforamento, com cerca de

0,80m (E/W) por 0,70m (N/S), com 0,40m de profundidade. A parte superior encontra-se muito danificada devido às raízes dos sobreiros, e dos trabalhos agrícolas uma vez que a área continua a ser lavrada com alguma regularidade e a estrutura se encontra muito superficial. Cerca de metade da estrutura, no lado Norte, encontrava-se preenchida com pedras. Entre as pedras foram recolhidos alguns pequenos fragmentos de cerâmica manual (Figs. 5 a 8).



Figura 4. Sondagem 1 - Pormenor do corte realizado no afloramento para abertura da fossa





5



6



7



8

Figuras 5 a 8. Sondagem 1 – Diferentes fases da escavação da estrutura negativa.

### Sondagem 2

Sondagem com 2,5m de comprimento x 1,5m de largura. Total: 4 m<sup>2</sup>  
A escavação da unidade [0] nesta sondagem revelou, desde logo, que o afloramento granítico se apresentava muito irregular, aparecendo em algumas áreas quase à superfície, não se tendo identificado nenhum nível arqueológico, nesta área. Sob a unidade [0] encontrava-se logo o afloramento [5] (Fig.9).



Figura 9. Vista final da sondagem 2

### **Sondagem 3**

Sondagem com 2,5m de comprimento x 1,5m de largura. Total: 4 m<sup>2</sup>. Esta sondagem, marcada nas imediações do grande afloramento granítico que suporta, em parte, o povoado proto-histórico dos Vidais, revelou, como se suponha, uma realidade mais complexa. De fato, logo após a remoção da [0] foi identificada outra camada [1], constituída por terras mais escuras, com uma grande espessura e algum espólio arqueológico (Fig.10), onde se misturavam cerâmicas manuais e lascas (quartzo e quartzito) com cerâmicas de roda. Apesar de não se ter encontrado o afloramento nesta área, na parte final deste depósito começava a escassear o espólio arqueológico.





Figura 10. Vista final da sondagem 3

### 3.3. Unidades Estratigráficas

[0] – Sondagem 1, 2 e 3. Camada de terras muito humosa, solta, com restos de raízes, folhas e esterco de gado vacum. Tonalidade castanha escura.

[1] – Sondagem 3. Camada de terras amareladas, muito soltas, com abundantes raízes. Subjacente à [0]. Apresenta alguns fragmentos de cerâmica manual e de roda assim como algumas lascas.

[2] – Sondagem 1. Estrutura pétrea inserida na [4]. No topo apresentava 3 pedras de média dimensão, em semi-arco, delimitando o topo da metade Norte da fossa. No lado NE apresentava, até à base da fossa, pedras sobrepostas, uma delas em cutelo, encostada à parede da fossa – afloramento cortado.

[3] – Sondagem 1. Camada de terras esbranquiçadas, soltas, que preenchem a [4]. Esta unidade formou-se devido à mistura das terras existentes na área com o sedimento removido pela escavação da fossa

(processo semelhante ao utilizado na mamoa da Anta da Tapada do Castelo). Com escasso espólio – fragmentos de cerâmica manual.

[4] – Sondagem 1. Estrutura negativa cortada no granito degradado [5], com cerca de 0,80m x 0,70m x 0,40m de profundidade. Danificada por fenómenos de bioturbação - raízes que se entrecruzam e aproveitaram a depressão existente. Planta e seção arredondada.

[5] – Sondagem 1 e 2. Afloramento granítico que se apresenta em diferentes estados de conservação (por vezes bastante alterado) e muito irregular.

### 3.4. Espólio

Em termos gerais, o conjunto artefactual recolhido nesta intervenção é escasso (total de 180 registos) e encontra-se muito fragmentado, correspondendo a três períodos distintos de ocupação:

- 1) Neolítico final;
- 2) Idade do Bronze/ Ferro;
- 3) Período contemporâneo.

Para além do espólio procedeu-se também à recolha de sedimentos na U.E. 2 da Sondagem 1, os quais foram tratados por uma das alunas de Arqueologia da Universidade de Évora, Alexandra Anselmo, no âmbito do seu trabalho de Seminário, com o apoio dos Laboratórios HERCULES e Pinho Monteiro, da Universidade de Évora. Os resultados desse trabalho são apresentados também neste volume.

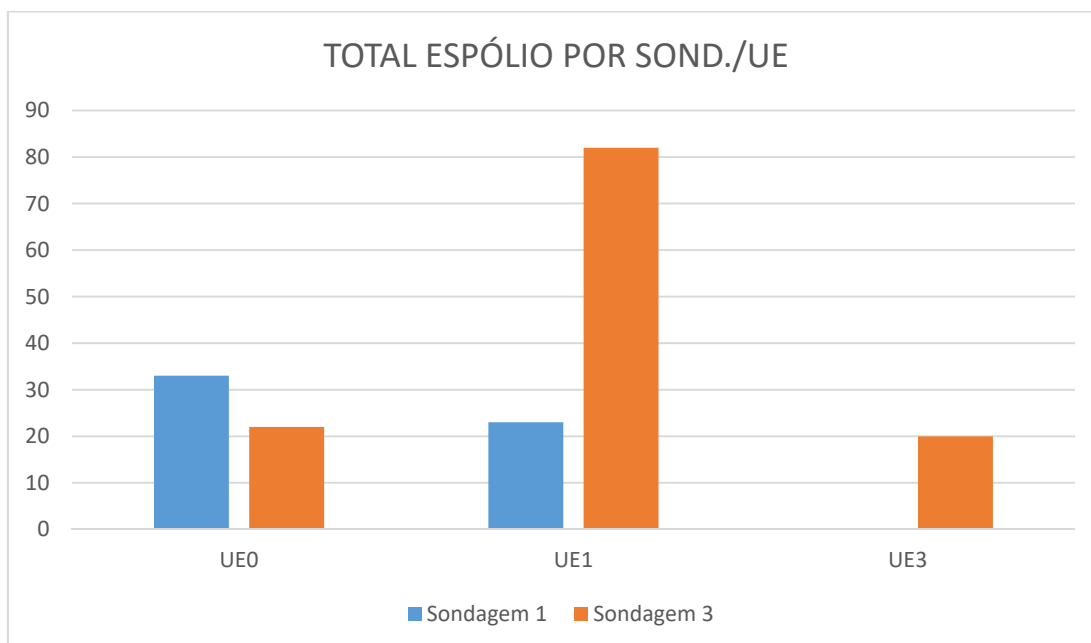


Gráfico 1. Distribuição do espólio recolhido por U.E e sondagem

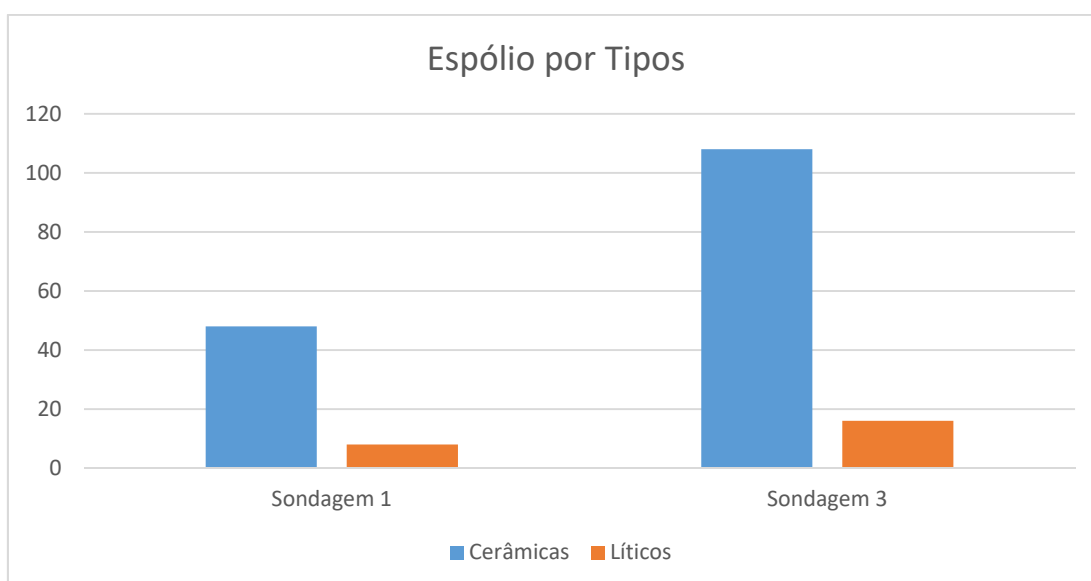


Gráfico 2. Distribuição do espólio recolhido por U.E e tipologia

Como se pode verificar pela análise dos gráficos anteriores, os líticos recolhidos no decurso da escavação são também muito escassos (20 peças) correspondendo, em termos formais a 8 lascas de quartzo, 8 lascas de quartzito e 4 núcleos de quartzo.

Em relação às cerâmicas, dos 156 fragmentos recolhidos, apenas 5 são bordos. Como se referiu anteriormente, a cerâmica apresentava-se muito fragmentada.



#### 4. Resultados

Em termos estruturais, as sondagens realizadas no povoado da Tapada do Castelo foram bastante inconclusivas uma vez que apenas na Sondagem 1 se identificou uma estrutura negativa, do tipo fossa/silo, revestida com pedras. Este tipo de estruturas negativas tem vindo a ser identificadas, com relativa frequência em contextos do Neolítico final/ Calcolítico, sobretudo nos povoados de fossos, com funcionalidades e dimensões bastante distintas.

Em relação ao espólio, apesar de cronologicamente diversificado, sobretudo na Sondagem 3, remete-nos claramente para uma primeira ocupação do sítio também dentro do Neolítico final/ Calcolítico.



Figura 11. Vista geral da plataforma do povoado com indicação das três sondagens.

No caso da Tapada do Castelo, existem alguns problemas à partida que não parecem ser de fácil resolução, atendendo aos resultados obtidos,

a não ser que se consiga vir a realizar prospeção geofísica. De facto, como se referiu anteriormente, o afloramento apresenta-se muito superficial mas com distintos graus de dureza. Esta realidade foi percebida e explorada pelas populações pré-históricas para a escolha da implantação da anta da Tapada do Castelo mas, também, como se viu na Sondagem 1, para a abertura da estrutura negativa. Não existindo atualmente evidências desta realidade, a hipótese que nos parece mais viável, como metodologia de trabalho seria a utilização de geofísica em toda a plataforma, o que nos iria permitir compreender (ou não) este povoado.

## 5. Evolução do povoamento: os dados arqueológicos

O espaço onde se localiza o complexo dos Vidais desempenhou um papel fulcral no povoamento desta área, como se pode ver pela distribuição de vestígios arqueológicos presentes (Fig.1).

A primeira fase de ocupação ocorre no paleolítico e encontra-se presente em Vidais V, instalado num planalto alongado, com cerca de 1 ha, com boa visibilidade para o vale do rio Sever, estratégico no controle dos recursos naturais (caça, pesca e vegetais).

A Fase II, mal caracterizada devido à ausência de escavações, mas que pelo espólio recolhido (cerâmica decoradas e pedra lascada) pode ser cronologicamente balizada entre o 6º e 5º milénio a.n.e., foi identificada em alguns dos pequenos abrigos naturais existente nas encostas do cerro do Castelo dos Vidais.

De realçar que a área do Complexo dos Vidais se caracteriza pela presença de afloramentos graníticos, com menor ou maior imponência e em bom estado de conservação pelo que, sobretudo nos afloramentos de maior grandiosidade existem alguns abrigos naturais. Alguns destes apresentam evidências de ocupação, quer através do espólio existente à superfície, quer pela construção de pequenos muros, junto à entrada.

No decurso do 4º e 3º milénio a.n.e. a ocupação tende a localizar-se em cotas mais elevadas, destacando-se na paisagem o que confere, também, um excelente domínio visual sobre o espaço envolvente. Os vestígios identificados apontam para a ocupação de suaves plataformas, com solos leves e boa visibilidade para o Rio Sever; Vidais III, IV e V e a Tapada do Castelo representam sítios desta Fase III, podendo alguns ter sido utilizados, ainda que de forma residual, em períodos subsequentes.

Para além da intervenção realizada na Tapada do Castelo, anteriormente descrita, foram ainda realizadas sondagens em 1978/79, num dos abrigos de maior dimensão, localizado na encosta nascente do Castelo dos Vidais. Destes trabalhos, realizados por Victor Gonçalves e Ana Margarida Arruda resultou algum espólio que, pela sua tipologia (pesos de tear, tipo placa) indiciam a existência de uma ocupação neocalcolítica, neste local (GONÇALVES, 1979).

Em termos funerários, esta Fase III está bem representada através da presença de monumentos megalíticos, que se apresentam em duas situações distintas, i) uns implantam-se em áreas com abundantes afloramentos graníticos, que constituem relevos mais elevados tornando as antas “invisíveis” na paisagem – caso das Antas da Tapada do Castelo e Laje dos Frades; ii) outros em áreas mais abertas, que correspondem a linhas de cumeada ou suaves cabeços/esporões, bem visíveis no espaço circundante – caso das Antas da Granja e Enxeira dos Vidais.

A Fase IV corresponde ao povoamento proto-histórico (2º e 1º milénio a.n.e), localizado na cota mais elevada desta área, representado pelo povoado do Castelo dos Vidais (ou Castelo Velho). Apesar da escassez de dados, devido á ausência de escavações no local, os restos das grandes estruturas de fortificação que apresenta, pelo menos, uma linha de muralha, são bem perceptíveis no terreno. No interior da área fortificada existem evidências de muros que devem corresponder a estruturas habitacionais. Pelo espólio identificado à superfície, o local

poderá ter sido ocupado de forma permanente, no Bronze final/Ferro e utilizado, de forma mais esporádica/sazonal, no Calcolítico e Período Romano. Desconhece-se o local onde se localiza a necrópole correspondente a este povoado.

Em termos gerais, os dados obtidos com as duas curtas intervenções realizadas até ao momento no Complexo dos Vidais (três se considerarmos a escavação realizada pela signatária na anta da Tapada do Castelo, no prelo) permitiram reforçar as informações que tínhamos a partir dos dados de prospeção, evidenciando a importância que esta área deteve entre o 6º e o 1º milénio a.n.e. Ainda que possamos esboçar uma ideia geral sobre o modo de ocupação no espaço e no tempo, apenas a realização de trabalhos arqueológicos mais alargados nos poderá fornecer dados mais específicos sobre as dinâmicas de evolução, nos períodos considerados.

## 6. Bibliografia

BARKER, E.J.W. (1993) - Techniques of Archaeological Excavation. Londres.

GONÇALVES, V.S. (1979) - Importantes descobertas arqueológicas no povoado da Idade do Cobre de Vidais (Marvão). *Clio*. 1: p.178-179.

HARRIS, E. (1989) - Principles of Archaeological Stratigraphy. Londres.

OLIVEIRA, J. (1997) - *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa: Colibri.

OLIVEIRA, J; PEREIRA, S; PARREIRA, J. (2007) – Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão. *IBN MARUAN*. 14. Edições Colibri.

PAÇO, Afonso do (1953) - Carta arqueológica do concelho de Marvão. In *Actas do 13º Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa, 1950. 7.<sup>a</sup> Secção. Ciências históricas e filológicas. Lisboa: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, p. 93-119.